
BOOK REVIEWS/RECENSÕES

Una Maestra Republicana: El Viejo Futuro de Julia Vigre (1916-2008)

San Román, Sonsoles (2015). *Una maestra republicana: El viejo futuro de Julia Vigre (1916-2008)*. Madrid: Machado Grupo de Distribución.

Através de uma escrita direta, clara e cativante, Sonsoles San Román guia-nos pelo percurso biográfico de Julia Vigre, detendo-se nos seus quotidianos, em diferentes etapas de vida. Desta forma, oferece-nos uma narrativa, simultaneamente literária e sociológica, sobre as profundas mudanças que atravessaram a educação (e a sociedade) espanhola, ao longo do século XX, focando-se, sobretudo, no papel das professoras primárias (e das mulheres) nestas mudanças.

Filha de um cortador de carne e de uma dona de casa, Julia cresceu no contexto dos movimentos e solidariedades operárias que emergiam, nas ruas de Madrid, na aurora do novo século. O apoio dos pais, a determinação pessoal e os bons resultados escolares permitiram-lhe prosseguir estudos, ao contrário dos irmãos, orientando-se para o magistério, única via de estudos disponível para uma rapariga da classe trabalhadora. Viveu então a revolução dos magistérios que, segundo os auspícios da I República, passaram a organizar cursos com a mesma duração e exigência das restantes formações universitárias, incluindo o estudo das novas pedagogias de Dewey, Montessori ou Decroly. Com professores como Ortega y Gasset, entre outros eminentes intelectuais, os magistérios republica-

nos assumiram-se, nos escassos anos em que a reforma vigorou, como construtores de uma sociedade enfim democrática, justa e fraterna.

Quando não estava a estudar, Julia aplicava estas metodologias na organização de atividades de fim-de-semana e campos de férias para as crianças operárias. Num cenário político cada vez mais clivado e explosivo, Julia juntou-se aos movimentos republicanos e feministas, próximos do PSOE, sem se abster de confrontar aqueles que, mesmo à esquerda, tardavam em reconhecer os direitos recém-adquiridos das mulheres ou que defendiam soluções violentas, autoritárias ou anarquistas. Acreditava que a mudança resultava de um trabalho pacífico, quotidiano e árduo de formação de cidadãos cultos, livres, interventivos e solidários. Durante a guerra civil, começa a ser perseguida e trabalha numa escola que protege e educa os filhos dos ativistas republicanos, num refúgio da Catalunha.

Os anos 1940 e 1950 são de penúria para ela e para toda a Espanha. Detida, julgada e proibida de dar aulas, Julia passa vários anos presa, mas não deixa de lutar pelas suas causas, ensinando outras reclusas, organizando grupos de teatro e movimentações políticas clandestinas. São também desse período alguns

poemas e pinturas elaboradas pela sua mão, expondo de forma sensível e angustiada, os dias sombrios em que vive, mas também a sua esperança inabalável num mundo melhor.

No contexto de crescimento económico, relativa abertura cultural e necessidade premente de professores primários que marcou os anos 1960, solicita o reingresso na carreira magistral e, por fim, é colocada numa escola de uma pequena povoação rural, sob o controlo estrito da inspeção, da polícia e da Igreja. Tem de jurar obediência ao regime, frequentar a missa e sujeitar-se às ordens severas de funcionários sem formação docente, cuja única credencial é a sua fidelidade ao franquismo. Com toda a sua família na miséria, não tem outra opção senão instalar-se numa aldeia desolada e aceitar as humildes condições outorgadas aos professores primários, ensinando 40 crianças durante o dia e ainda grupos de adultos à noite, na convicção de que alguns encontrarão, nos seus ensinamentos, ferramentas para construir um caminho para a liberdade, fugindo ao destino para o que pareciam votados. Em simultâneo, não deixa de escrever e divulgar textos anónimos sobre os direitos das mulheres, a democracia e a justiça social, apoiando os presos políticos e mantendo-se em contacto com alguns líderes republicanos no exílio.

Mais tarde, luta pelos direitos laborais e sociais dos professores, consegue mover-se para uma pequena cidade da província e torna-se diretora da escola. Acompanha, com grande entusiasmo, a transição para a democracia, sentindo que é também resultado das suas várias lutas, ao longo da vida, tanto na política clandestina como no trabalho quotidiano nas salas de aula. Pouco antes da jubilação, faz questão de levar os seus alunos numa visita de estudo à Assembleia Constituinte, não perdendo oportunidade de lhes ensinar as longas batalhas que permitiram que esse dia fosse possível.

Ao longo da obra, este percurso de vida é contado através de uma leitura das entrevistas realizadas à própria Julia Vigue, ao seu irmão e a outros professores da sua geração, bem como através de um conjunto alargado de fotografias, documentos oficiais, desenhos e

poemas da própria que, muito mais do que meras ilustrações, fornecem elementos preciosos para nos transportar para os tempos, situações e estados de espírito que marcaram a sua vida. A autora, professora catedrática de Sociologia na Universidad Autónoma de Madrid, combina então um trabalho de corte biográfico, realizado com a família da própria Julia, e uma panóplia variada de documentos históricos sobre as condições e os contextos nos quais a vida desta professora republicana se desenrolou. Desta forma, se conta muito da História recente da sociedade espanhola e, sobretudo, do seu sistema educativo.

Num mundo que tende a separar a nascerença a investigação científica, a participação pública e a criação literária, com efeitos quantas vezes redutores para as três, o mais fascinante nesta obra é, precisamente, como a sensibilidade da narrativa autobiográfica, o rigor da análise sócio-histórica e o esforço de informar a opinião pública se entrelaçam e se enriquecem mutuamente. Inspirada por autores como Norbert Elias, Sonsoles San Román oferece-nos uma obra que se lê como um romance e que, ao mesmo tempo, nos permite conhecer e refletir sobre transformações profundas que conduziram a educação (e a sociedade) espanhola ao ponto complexo e clivado em que se permanece atualmente. Essas mudanças nunca são vistas de forma determinista, mas como produto das condições e lutas, em carne viva, dos atores sociais.

Tal como nota a autora, na página 100,

no parece fácil comprender la identidad de Julia, sus intereses y actividades, sin situarse en las coordenadas de su tiempo. Las generaciones no sólo pasan, también pesan. La de las maestras republicanas, la suya, no nació precisamente con los derechos sociales y políticos conseguidos, ni vivió en la nube rosa del consumo. Es una generación que creció torcida, porque se acaba viendo frustrada ante las miserias, la pobreza, la muerte, el exilio y la cárcel.

Não podia, portanto, ser mais oportuna esta recuperação da vida de uma professora primária que, não sendo uma figura mediática, representa o labor árduo,

corajoso e invisível de muitos milhares de docentes, em prol da democracia, do desenvolvimento e da cultura, num momento histórico em que não apenas a profissão docente mas também esses valores matriciais da modernidade parecem colocados em causa, em Espanha, tal como em Portugal. Essa revolução pacífica das mentalidades e das instituições à qual Julia Vigne dedicou a vida, tal como tantos outros, essa convicção de que a escola tem de construir um mundo

novo, mais do que preparar os jovens para as crueldades e falsidades da sociedade atual, não é, portanto, algo adquirido, mas é algo pelo qual vale a pena continuar a lutar, no século XXI. Como dizia Bertold Brecht, «o meu avô viveu já nos novos tempos, o meu neto com certeza viverá ainda nos velhos».

Pedro Abrantes
Universidade Aberta e CIES-IUL